

**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

A CONSTRUÇÃO DE ANDRÉ, O LOUCO DE BERNARDO ÉLIS.

Éder Mendes de Paula²²

Introdução.

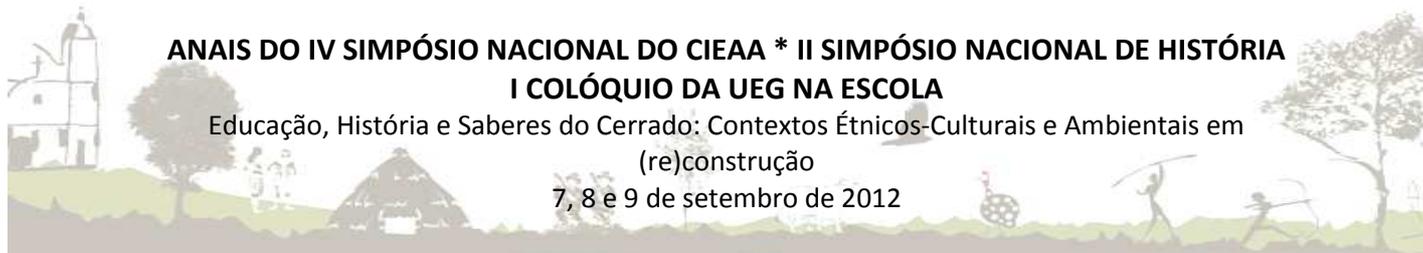
Bernardo Élis, em seu conto André Louco, traz uma discussão acerca da loucura e da forma como o louco se relaciona com a sociedade de que faz parte. A literatura é aqui utilizada como fonte no sentido de perceber como o sertão realiza formas diferentes de lidar com a presença do tido como doente mental.

A forma diferenciada de se pensar o louco, de realizar sua exclusão e as negociações das identidades ali presentes, são perceptíveis na obra de Bernardo Élis, ao ponto que a intenção em chegar às diferentes formas de construção dos dois lados da fronteira: normal e o patológico.

Assim, a fonte não se trata apenas de ficção, mas de personagens que trazem sentimentos, impressões, opiniões de uma época, traduzidos nas ações guiadas pelo autor. São dotados de sentimentos e os mesmos guiam suas ações. Neste sentido, é possível, a partir dos mesmos, extrair as formas de relações de uma época, críticas sobre o assunto, negociações próprias entre os discursos.

André Louco não é apenas um conto sobre um personagem insano, é uma discussão sobre uma dada condição social e sobre como a sociedade lida com as zonas patológicas criadas por ela própria. O mito, as histórias em torno da loucura são aqui discutidas, pois o autor aprofunda em determinados aspectos, não sendo de forma explícita, mas possibilitando a discussão, a investigação histórica.

²² Doutorando do curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

Desenvolvimento.

A literatura nos últimos anos tem suscitado discussões interessantes no meio historiográfico. As novas reflexões sobre o “como se fazer História” aproximou pensadores quanto à relação entre História e Literatura. Para alguns, essas ideias se aproximaram, para outros – contudo – se distanciaram.

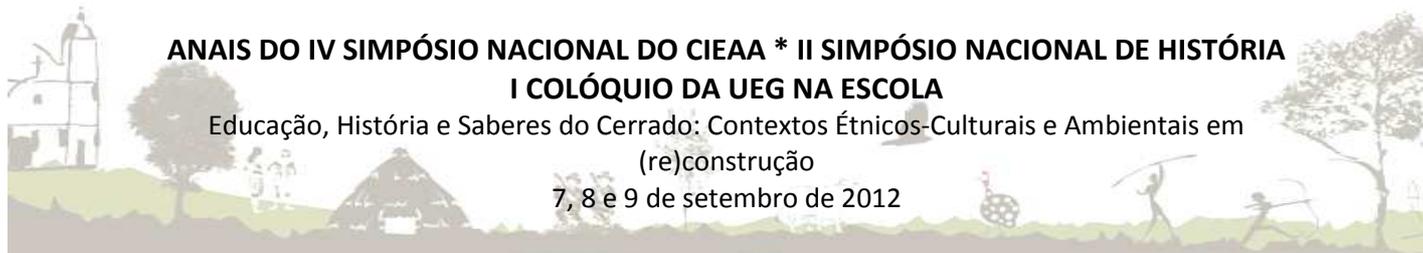
Esse debate esteve durante muito tempo inserido na tentativa de se delimitar os espaços de atuação entre as duas narrativas. Toda essa inquietude, no entanto, trouxe uma nova abordagem, um novo olhar sobre o passado através da literatura, dessa possível captação da imaginação que permeia os literatos, as sensibilidades do vivido traduzido na ficção.

Como fonte, livros, contos, poemas, deixaram de ser apenas vistos e visualizados através de uma contextualização histórica dura e seca, para serem compreendidos na totalidade dos sentimentos de quem escreve, pois, *“a literatura traz a subjetividade e a sensibilidade do passado, daquilo que um dia foi vivido, sentido, percebido de uma outra forma, ou da forma como podia ser naquele momento”* (SANTOS, p. 31, 2008).

Mesmo em se tratando de uma ficção seja futurista ou não, é possível compreender as formas de apreensão de mundo através das palavras do autor. Seus personagens tomam vida, experimentam sensações e situações que não são simplesmente imaginadas, partem de uma relação social complexa na qual o autor se insere.

Os autores sempre estão imersos em um contexto em que suas sensibilidades se refletem em seus textos. Neste cruzamento entre História e Literatura compreende-se as sensações, as tradições do vivido, como sendo sensibilidades que,

se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação. Sonhos, e medos, por exemplo, são realidades enquanto sentimento, mesmo que suas



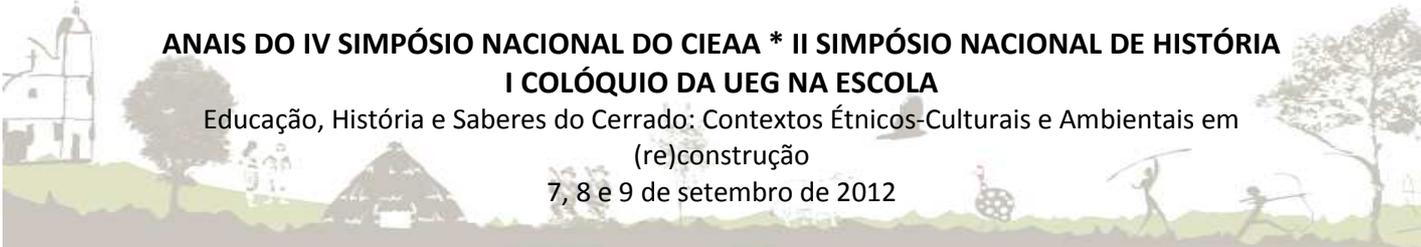
razões ou motivações, no caso, não tenham consistência real. (PESAVENTO Apud SANTOS, 2008, p. 43)

Quando a literatura regionalista discute os mitos, os causos acerca do sertão, não retrata apenas a vivência, mas uma forma particular de conceber o mundo. Transmite que as ações humanas se tornam fatos a partir do momento que as sensibilidades impulsionam as ações. No conto André Louco de Bernardo Élis, publicado pela primeira vez no livro *Ermos e Gerais*, a figura do *anormal* não aparece apenas para discutir o que é doença mental, mas para demonstrar as relações, os medos e anseios que toda uma comunidade faz em torno da loucura.

Assim, André não corresponde apenas à figura do louco que deve ser excluído, mas demonstra como essa exclusão acontece a partir dos causos e histórias que surgem a partir das relações sociais. Da liberdade à prisão, Bernardo Élis traduz um determinado costume em Goiás: o aprisionamento de seus doentes mentais. A eliminação da figura da esfera pública tornara-se uma prática comum desde cedo no estado, o cárcere aparece como única saída para a conturbada relação entre o louco e a sociedade tida como normal.

Está assentada a construção de uma penitenciária do Estado, uma das cogitações mais acariciadas pelo Sr. Dr. Brasil Caiado, desejoso de dotar o Estado com um estabelecimento modelar do gênero, livrando nossa cidade daquele fétido casarão de ar lúgubre que tanto depõe contra nossa civilização. [...] Não sei de quando data o uso de se remover para a cadeia pública, os loucos que aparecem no Estado transformando aquela prisão em hospital de alienados; mas o que é certo é que vem de longe este hábito e o número de loucos cresce dia-a-dia, não se devendo manter esse manicômio provisório, dentro de uma cidade, em lugar cercado de habitações de família. (O Democrata, 16/04/1926)

As cadeias públicas, não apenas em Goiás, muitas vezes fizeram às vezes dos hospitais psiquiátricos, pela falta dos mesmos como também pela dificuldade de analisar os criminosos e definir o que é loucura e o que não é. Muitos *loucos* tiveram sua liberdade cerceada por conta das narrativas de crime em torno de sua loucura.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

O que Bernardo Élis também aborda em seu conto, essa mistura entre a figura do louco com o criminoso, durante muito tempo foi responsável pelo aprisionamento destes sujeitos deixados à própria sorte. Este tema, a loucura, na literatura é utilizado muitas vezes para se criticar a postura da sociedade como faz Machado de Assis, em seu livro *O Alienista*.

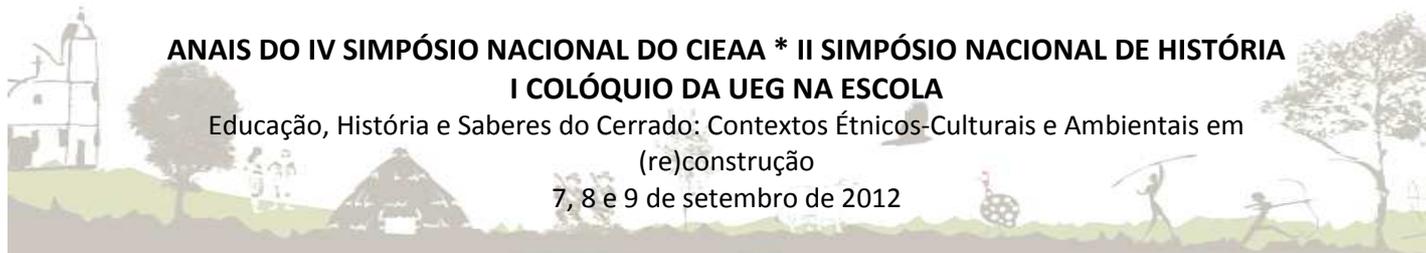
Definir o que é loucura e o que é normalidade exerce de certa forma um fascínio, pois a fronteira entre um e outro torna-se muito tênue visto que a loucura e o louco são narrativas, são construções sociais e são termos cambiantes. Neste sentido, o tema surge não apenas como possibilidade de se realizar crítica, mas também um grande objeto de pesquisa para a História.

Neste caso em particular, observando o conto de Bernardo Élis, é interessante acrescentar que essa configuração do sujeito louco, muitas vezes vem acompanhada de mitos, de ritos, de história de crimes. Esses crimes auxiliam no processo de consolidação de um estereótipo do louco, produzem um impacto no imaginário social e cria tipos marcando, por exemplo, imagens da infância.

Assim como monstros em um quarto escuro, Élis trabalha as imagens da loucura naquilo que fica para a criança. O conto trata-se das memórias de como um garoto fica fascinado e ao mesmo tempo teme aquele André, que andava pela cidade arrastando correntes. São as sensibilidades do autor que construirão as situações, as personagens, que a História pode trabalhar no entendimento de como se dá o cruzamento entre o vivido e o experimentado.

Assim como a literatura comporta a ficção, a escrita histórica também comporta elementos de ficcionalidade em sua ontologia, desde que bem amparados em bases documentais, em fontes, como preza e precisa o historiador. O entrecruzamento de história e literatura – esta como fonte das sensibilidades de um passado – se dá, pois, através do plano ficcional, onde as representações do sensível aparecem nos personagens e narrativas literárias. (SANTOS, 2008, p. 33)

Neste sentido, Bernardo Élis realiza uma discussão em torno do louco e da loucura em relação à sociedade tida como normal. Como este sujeito é interpretado, como ele é



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

construído através das narrativas, qual a forma de atuação dos *normais* em relação ao anormal, está descrito nas páginas de André Louco.

André é um personagem sem rosto, no decorrer do livro não é dada a ele uma descrição de forma que se possa imaginar sua fisionomia, aparece como uma mancha escura. Porém, ao mesmo tempo, o fato de não ser descrito, de não ter definido um rosto, possibilita que vários outros indivíduos, sujeitos sociais e históricos possam ser considerados ‘André’.

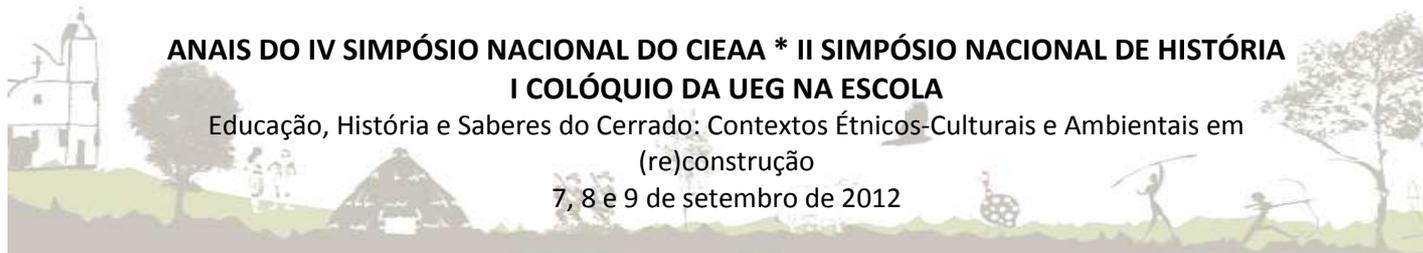
O local onde se desenvolve a trama do enredo escolhido é um local distante, uma cidade pequena, quase isolada, ao mesmo tempo também é caracterizada como decadente, sem atrativos. É neste sertão, assim colocado na obra, que se desenvolve as lembranças do narrador que recorre aos tempos de menino para contar todos os acontecimentos da cidade em torno da loucura de André.

O narrador já adulto recorda das conversas, as narrativas e seus medos que eram construídos, na maioria das vezes, pelos adultos. Da maneira como descreve as impressões que teve quando pequeno não deveria ser totalmente invenção, o que viveu a partir do medo de André, faz parte do que ele é e como representa o mundo.

A criança percebe o mundo da sua forma, constrói suas histórias, e o que Bernardo Élis realiza é um retorno ao passado e vai se construindo, se fazendo também como adulto [no personagem narrador]. Aqui, quero dizer que, mesmo que as narrativas em torno da loucura e do crime fossem consideradas pura invenção, como a criança as vivencia de fato, porque as sente, então esse imaginário faz parte da formação do sujeito quando adulto.

O louco na sociedade ocupa o local da dicotomia, aquele da nau desgovernada, serve de parâmetro sócio-histórico para a definição de padrões a serem seguidos. É como se sua existência fosse de suma importância para que de fato se possa definir o Outro além da fronteira. Assim como Euclides da Cunha recorre à psicologia para determinar e definir o sertanejo como *insano, fraco psicologicamente*, o louco serviu para definir, na visão da época, a oposição com o padrão civilizado.

Dois mundos passam a existir, o mundo chamado de real e aquele construído pela loucura. Para a definição da normalidade era preciso compreender e estruturar a anormalidade, neste sentido o comportamento de épocas é julgado e determinado para o



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

estabelecimento das fronteiras que definem os espaços de atuação de cada sujeito, de cada grupo.

Assim, na construção do eu [normal] o outro passa por um crivo de observações, onde o principal objetivo é o processo de diferenciação, assim,

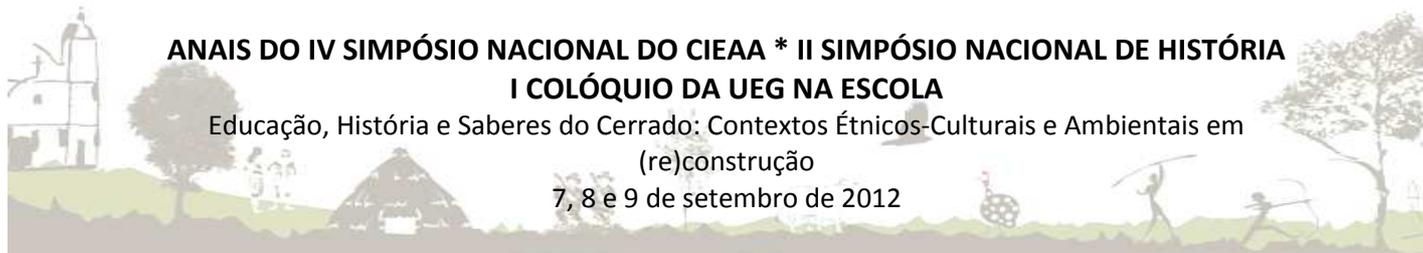
A loucura só existe em cada homem, porque é o homem que a constitui no apego que ele demonstra por si mesmo e através das ilusões com que alimenta. [...] o apego a si próprio é o primeiro sinal da loucura, mas é porque o homem se apega a si próprio que ele aceita o erro como verdade, a mentira como sendo a realidade, a violência e a feiura como sendo a beleza e a justiça. (FOUCAULT, 2005, p. 24)

É nesta configuração que os traços culturais vão moldando seus conceitos de loucura de acordo com os contextos sócio-históricos. A partir dessa configuração, definem-se comportamentos aceitáveis para um determinado padrão em um tempo e espaço. Exatamente por isso o conceito de loucura se torna cambiante, por corresponder a uma interação social entre dois lados que se afirmam.

Um exemplo, é a fala do psiquiatra Peter Perbat quando se discutia o fim dos manicômios no Brasil durante a década de 1990. Ao mesmo tempo que ele defende a extinção das instituições, também defende o direito de se falar sozinho nas ruas, pois poderíamos abrir mão do sanatório físico, mas criaríamos um mental. Pois, falar sozinho nas ruas é um ato de confinar-se em si, em um plano mental paralelo e que, ao causar estranheza delimita o sujeito à loucura.

Portanto, o louco por mais desprezado que talvez algumas vezes pareça ser, tem uma importância essencial na criação do mundo tido como real. O que Bernardo Élis constrói é um sujeito sem rosto e sem voz, afinal André apenas urra. E este mesmo ser é a causa não apenas do medo, mas de toda uma movimentação na cidade, assim, sua existência é inegável e também imprescindível.

A sala era um campo de batalha, quando o Juiz e o dentista desceram dos intrincados labirintos filológicos: um exército atacava o Louco; outro o defendia. Neste último o dentista assentou praça, para afirmar:



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

- Precisamos do Louco, seu João. Precisamos muito dele. Sem o Louco ninguém aguenta a insipidez da cidade.
- Deus me livre desse movimento, - exclamou a mulher do Juiz.
- Se não fosse o Louco não teríamos esse prosão animado, - continuava chistoso o dentista. (ÉLIS, 1978, p. 37)

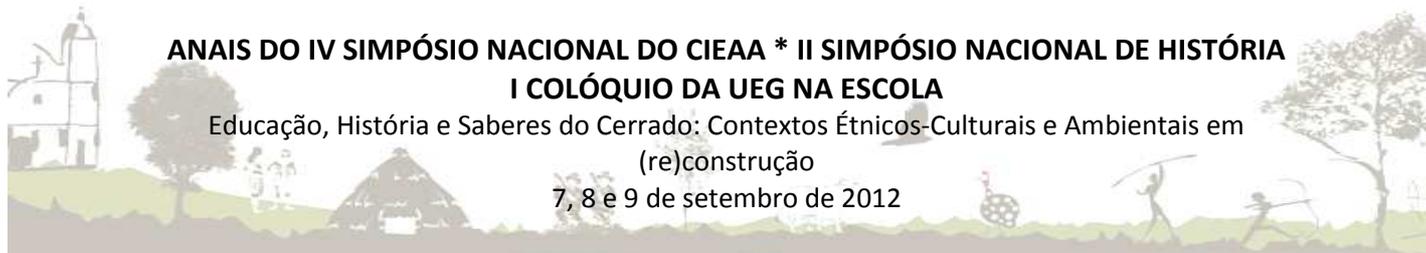
O cenário da trama, esta pequena cidade, esse pequeno universo descrito pelo autor precisa do louco. É dele que se apresenta a movimentação, quando a cidade deixa seu aspecto sôfrego, triste, parado. A conversa animada, o encontro entre as diversas pessoas só foi possível a partir do momento em que o medo do louco os leva a se reunir diante de demonstrações de coragem.

Aliás, tal fato nas lembranças dessa criança que adulta, narra o livro, se desenrola após a morte de outro menino: o filho de Valentim que vivia a incomodar André, enquanto o mesmo estava amarrado no largo em frente à igreja da cidade.

O mais interessante é observar como o autor, mesmo limitando os acontecimentos a uma pequena cidade, traz discussões que permeiam, permearam e ainda são levantadas acerca do louco e de sua loucura. Um exército o defendia ao mesmo tempo em que outro atacava, há uma divisão de opiniões, exatamente porque se apegam à questão de como tratar o louco, pois, é um criminoso? É um sujeito inocente de seus atos? Como julgar os acontecimentos entre certo e errado?

Tais questionamentos que incendeiam o conto, são feitos a todo momento no plano da não ficção. Tratar o louco é também lidar com o ser humano que, doente, perde o direito da fala, dizem por ele, escolhem por ele. Isso foi muito bem posto por Bernardo Élis quando limita André apenas a produzir urros pela cidade, e ao mesmo tempo demonstra como a outra parcela da sociedade decide por ele, escolhe por ele e o define.

No limite do que é ou não humano André também passa pelas mesmas mazelas físicas equivalentes as que durante muito tempo foram utilizadas como tratamento psiquiátrico. O fato de ser amarrado, de sofrer privações de comida e água, entre outros maus tratos serve como base para dividir as opiniões das pessoas em torno do louco. A sensibilidade do autor



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

está no conseguir não apenas sentir e vivenciar, mas ser capaz de, no conto, realizar uma crítica ferrenha à sociedade construída nos padrões da normalidade.

Os mesmos personagens que falam, que desprezam, que criticam a existência de André, passam ao longo do conto a sentirem a necessidade de sua presença. Naquele sertão, a figura do louco toma uma proporção ainda maior. A narrativa do conto se desenvolve a partir dos mitos e das histórias que, contadas de maneiras simples, a partir das crianças povoavam o imaginário social.

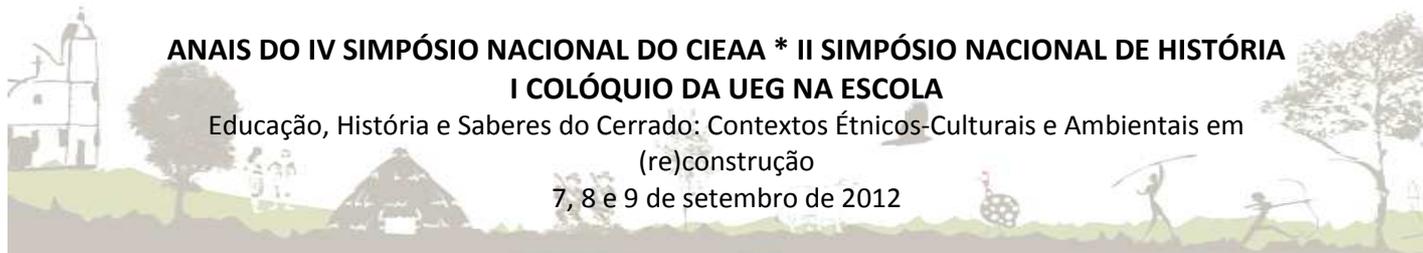
A grande questão talvez esteja na forma de como o sertão compreende o louco e também o utiliza. Em Goiás, por exemplo, a capital Goiânia é construída em padrões de uma modernidade que visava cunhar um novo comportamento social que pudesse deixar para traz o mundo velho e antigo de Vila Boa.

É nítido como a intencionalidade da dicotomia entre novo/velho, moderno/atrasado, ainda perdurou na forma de se tratar e lidar com o louco em Goiás no século XX:

as pequenas localidades goianas contemporâneas, embora com menos zelo e excesso, também não deram muito espaço à exibição da personalidade. Porém há algumas pessoas com um modo de agir diferente das demais: sua ação não é normatizada pelo costume, mas pela moralidade. Essas pessoas (os loucos, os *bobos*, os alcoólatras, os homossexuais, etc.) não são exclusivas das pequenas cidades. Todavia, nas grandes cidades, o fato das relações serem impessoais (mais individualizadas) faz com que suas marcas distintas passem mais despercebidas – elas não se cristalizam na memória. Elas são conhecidas pela categoria que os representa – mendigos, alcoólatras, doentes mentais, menor abandonado – ; nunca pelos seus nomes. (OLIVEIRA, 1999, p. 51)

André se encontra neste local pequeno e distante, onde os moradores sabem seu nome, conhecem sua origem. Por mais que a categoria *Louco* esteja ali representada, a nomenclatura vem antes dela, possibilitando uma maior intimidade entre os moradores e este sujeito.

Neste sentido, obedecendo à lógica da Marcha para o Oeste, implementada pelo governo de Getúlio Vargas, Goiânia se torna no imaginário social goiano a *joia* que salvaria a população do fracasso total, de sucumbir em si mesmo. Nesta mesma política varguista, está a proliferação dos hospitais psiquiátricos a cargo do Serviço Nacional de Doenças Mentais, cujo



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

diretor era Adauto Botelho. Goiânia é uma das primeiras capitais a inaugurar seu sanatório em 1954, a categorizar seus tipos urbanos, a apagar seus nomes, não dar-lhes mais um rosto.

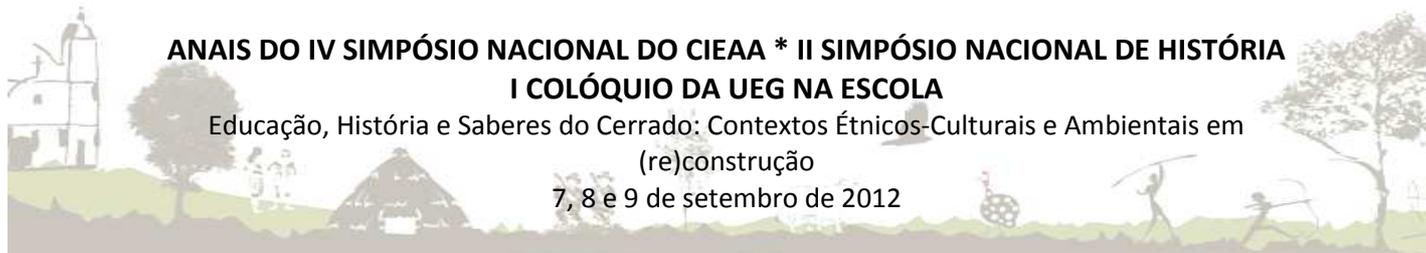
Por mais que de fato a ideia de dicotomia do atraso não consiga contemplar a amplitude do que de fato é o sertão, Goiás vivencia, pelo menos no plano político, narrativas que desde os anos de 1930 até meados de 1950 tentam modernizar o sertão. Genialmente Bernardo Élis dá para seu cenário as duas coisas: André é íntimo, mas não tem rosto, é louco. Ao mesmo tempo em que o caracteriza também o categoriza colocando-o no limiar entre o sertão que reconhece o louco e a cidade moderna que lhe retira a identidade.

André antes de tudo é um tipo urbano, muito comum nas cidades onde as crianças são controladas a partir de histórias em torno de um homem que carrega um saco, ou rouba crianças. Geralmente recebem apelidos e são conhecidos por histórias que muitas vezes amedrontam meninos e meninas através do que era contado pelos mais velhos. No conto de Bernardo Élis essa responsabilidade cabe à criada da casa, a negra Joana, que não apenas dá os traços de sua loucura como também complementa suas narrativas vinculando a loucura ao crime. Assim, o adulto que narra rememora sua infância e ao mesmo tempo diz sobre o medo construído em torno de André Louco:

Ela costurava, a cabeça inclinada, sua sombra vacilante projetada disforme na parede, no teto sem forro, e conversava sobre André Louco; que ele matava todo mundo; que ele fizera bramura; que ele ia fugir e estrangular habitante por habitante da cidade. (ÉLIS, 1978, p. 37)

O adulto que narra não esquece a figura que o atormentava, que povoava seus medos juntamente com outros mitos do sertão que criam imagens que se cristalizam no imaginário social. O sujeito histórico que através de suas lembranças narra os acontecimentos é construído desde o momento que se inculca na criança determinadas criações mentais. Assim, a negra Joana aparecia como aquela que contava as histórias, os causos, como o de Maragã:

Eu conhecia João Manuel. Tinha uma oficina de ourives mesmo na cadeia. Ia a nossa casa, às sextas-feiras da paixão, vender anéis de prata, muito eficazes contra quebrantos. Era muito bom, delicado. Joana contava que João Manuel



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

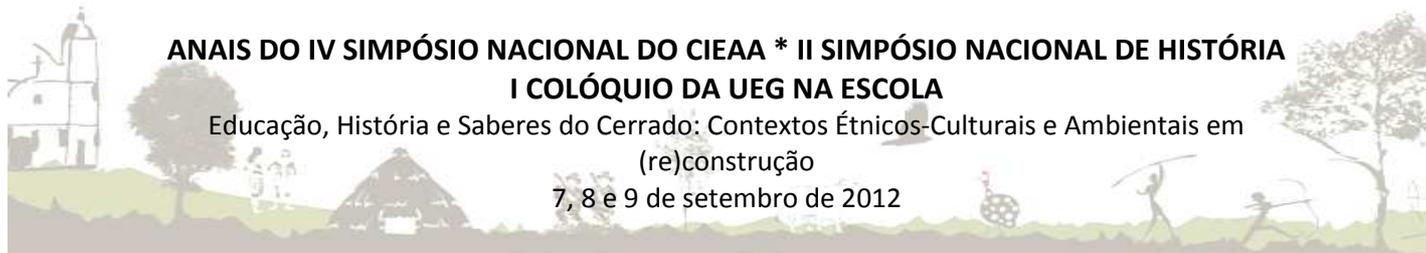
morava com a irmã e por isso tinha parte com o demônio. A irmã dele era Maragã, habitava uma biboca perto da fonte do funil. [...] Maragã começô a morá mais o irmão e foi a mãe dela pegô a censurá essa falta de preceito. Bradava cum ela todo dia, todo dia. Prendia a moça para ela não drumi cum o irmão. Um dia Maragã tava fervendo um tacho de sabão e a mãe foi bradá cum ela; cuja Maragã impurrô lá dentro e matô. Daí passô a morá mais João Mané. Por isso até hoje, se Maragã visse um tacho de sabão, podia ele estar já no ponto de secar, a massa dessorava, virava um godó fedorento. Chegava até a criar bichos. Na quaresma virava assombração. Virava um cachorrão peludo que percorria os quintais, depois da meia-noite, comento cueiros sujos de obra de menino novo. (ÉLIS, 1978, p. 08)

A negra Joana assume aspectos místicos, como se fosse a detentora de todas as histórias e causos do sertão. Ali, misturam-se fantasmas e figuras da cultura popular atrelados a valores morais e religiosos como o caso de Maragã, um caso de incesto reprimido por uma maldição de virar um animal terrível sob pacto com o demônio.

Assim a religiosidade sertaneja se apresenta não apenas com a figura de Deus, mas com uma presença sempre ameaçadora de seu par opositor. O demônio se mostra na perca dos valores morais e nos castigos, da mesma forma como nos ataques de André, com possibilidades de se interpretar como possessão. Os mitos são narrativas que partem do plano real, que adquirem um aspecto vulgarmente chamado de fantasioso, *assemelham-se à boa literatura. Nenhum dos dois está interessado em reproduzir personagens e fatos reais, mas em resumir a essência da vida.* (AMADO, 1995, p. 54).

A negra Joana não data suas construções narrativas, mas o autor procura evidenciar que após um incidente com um carro de boi, André desaparece. Este desaparecimento faz com que crimes sejam relacionados à sua figura, ele deixa de ser apenas o louco que urra para se tornar uma figura extremamente perigosa que amedronta adultos e crianças.

Assim, André assume também a característica da categorização necessária no processo de modernização do estado. Goiânia substituiria os nomes e apelidos pela categoria louco, representada nos muros do Hospital Psiquiátrico Profº. Aauto Botelho. O nome e a categoria correspondem ao processo que passa o esquecimento desses sujeitos que passam a ser enclausurados, suas histórias, os mitos e causos em torno dos mesmos que tendem a desaparecer.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

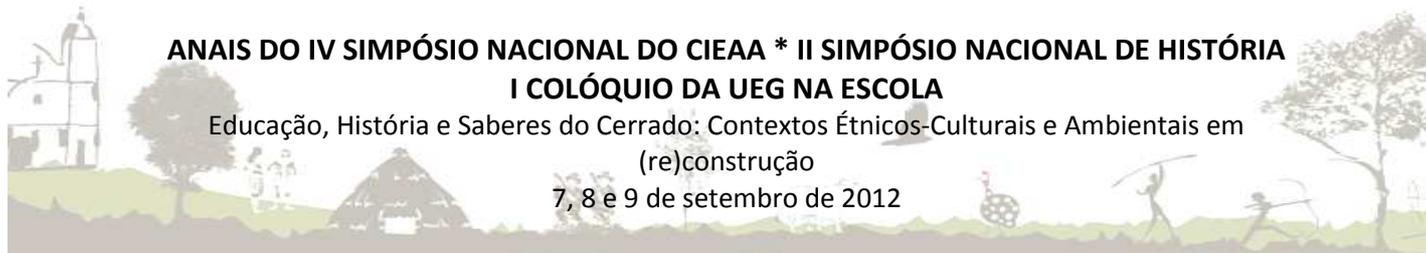
Porém, Bernardo Élis, de maneira muito sensível e particular, realiza ainda a inclusão de uma característica também bastante discutida em torno do louco e da loucura: o crime. O que o torna capaz ou incapaz de responder pelos crimes que comete? Até onde o crime pode ser vinculado à loucura ou vice-versa? Em que momento se dá o enlouquecimento do crime? Quais aspectos se tornam fundamentais para construir a identidade do louco como criminoso?

Esses questionamentos saltam à obra. Não são questões apenas restritas ao âmbito regional, elas ali estão, mas dizem respeito a uma dimensão ainda maior a respeito do posicionamento da sociedade em relação ao louco e ao crime. No conto, tudo começa com a morte de Angelina Baiana, atingida por uma bala ricocheteada durante uma briga de André (que estava armado) com o *delegado e os bate-paus*.

Esta morte proíbe André de voltar à cidade, e depois de seu desaparecimento iniciam-se as histórias:

“diz que queimaram o rancho do Lorindo, no pasto do meio”. Ele estava na roça mais a mulher e três filhos pequenos. Em casa, tinha deixado a filha mais velha, de oito anos, com os dois menores. Nisto a menina chega gritando na roça: que tinha um homem no rancho batendo nos meninos e querendo tacar fogo na casa. Quando Lorindo chegou, só estava a fumarada. Um dos meninos nunca mais encontraram. A notícia correu e ninguém pensou senão em André Louco. O fato já ia caindo de moda, quando a Luciana, mãe dos Peixotos da Varginha, foi estrangulada. Lavava uns panos no córrego e vai um homem sai de dentro do mato e pula no pescoço da velha. Como ela gritasse, vieram os filhos e ainda puderam ver André Louco montado na cacunda da velha, abarcando-lhe o cangote. Perseguiram-no, mas inutilmente. Aí então o fuzê engrossou. Na cidade, como não houvesse policiamento nem soldados, o Delegado contratou 3 bate-paus pagos pela Intendência, com o escopo de prender o doido. Levaram quase vinte dias nesse serviço. (ÉLIS, 1978, p. 05)

É interessante observar que as mortes narradas são de uma mulher e uma criança, tais fatos tornam os acontecimentos, os crimes mais hediondos. Dessa forma, concretizar a imagem de um André desumano se torna mais eficaz, pois dá ao mesmo um caráter de monstrosidade auxiliado pelo fato de o mesmo não produzir outro som que não sejam apenas urros.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

Desta forma, quando André é preso no largo em frente à igreja, a identidade que tem é de um insano monstruoso, alguém incapaz de ter sentimentos em relação ao Outro. Não possui mais a loucura, possui características que o levam ao posicionamento de monstro.

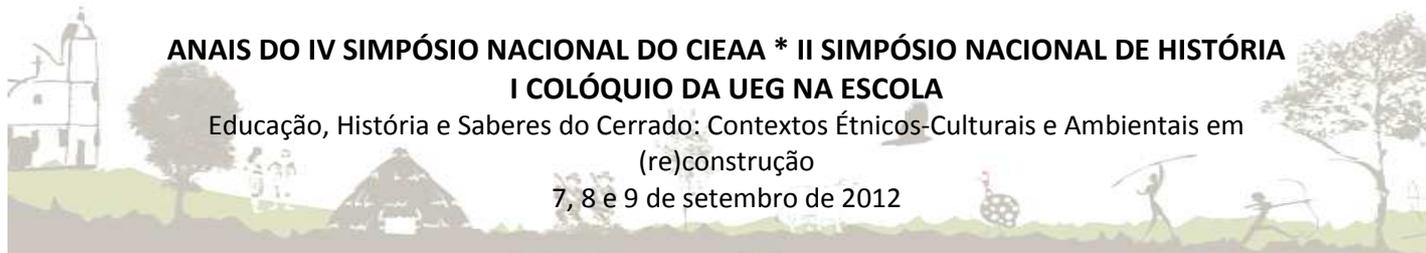
Os crimes relacionados a André, geralmente são cometidos contra mulheres e crianças, vistos como mais frágeis, atentar contra a vida dos mesmos é colocar-se além da razão. Assim, o louco acaba sendo responsabilizado pelos atos hediondos. Toda essa construção é feita desde o momento que o conto se inicia com os relatos da negra Joana, e depois é intensificada com a postura de João, o pai do narrador. Homem que tem uma postura, de certa maneira culta, que já havia se prestado a defender e a diminuir os anos de condenação de alguns presos.

João se vê obrigado, por conta de um dos ataques de André a se posicionar contra o mesmo, a criar um ar de intolerância em toda a cidade. Esta intolerância, no entanto, é uma forma de se livrar de um peso na consciência e, transferir a responsabilidade de seus atos a quem não poderia, legalmente, se defender. João se vê obrigado a fazer o que não gostava, a pedir favores em benefício de um detento que o mesmo agrediu pensando ser André Louco.

O fato é que sua esposa sempre temia que o *insano* fizesse algo contra sua família, e durante um dos surtos do mesmo sua casa é invadida por outra pessoa que acaba sendo agredida por seu João. Um preso que estava ali para pedir ajuda, para solicitar que o mesmo o defendesse, no entanto, diante daquele rosto marcado pela agressão, sente um remorso e procura de alguma forma persuadir os jurados, indo ter com eles para convencê-los da inocência de seu cliente.

A consciência pesada e a vergonha de ter que pedir os favores, cria em torno de João a necessidade de encontrar o ponto inicial dos acontecimentos que o fizeram realizar coisas que não queria. Seu alvo se torna o louco, ele passa a ser o responsável pelos acontecimentos ruins que o cercavam naquele instante, como o fato de ter que pegar dinheiro emprestado com o coronel que comandava a cidade.

Nesta relação, ao sentir-se subalternizado, humilhado pelo poder do Coronel Bento Correa a atitude é de criar uma atmosfera de insustentabilidade da presença de André na cidade. Bernardo Élis consegue trazer através de sua narrativa a condição da loucura, não



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

apenas como uma construção social, mas como uma forma de controle, de padronização de comportamentos.

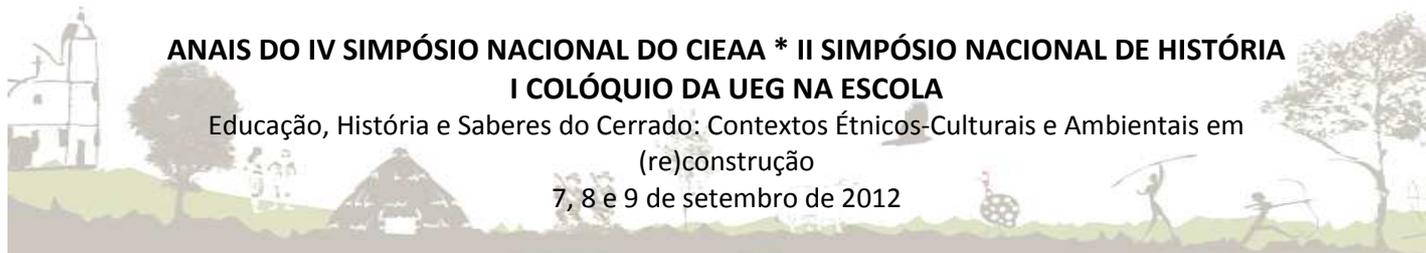
Assim como o personagem do conto culpa André pelos seus males e decide excluí-lo da cidade jogando todos contra o louco, no funcionamento dos hospitais psiquiátricos encontramos grupos que eram internados para garantir a sólida construção das identidades. Um exemplo claro é a homossexualidade ser considerada doença mental, um distúrbio, um desvio. Hoje sabe-se que não há mais essa perspectiva, portanto, leva a pensar que se o conceito se transforma, se não é uma ciência exata porque muda juntamente com a dinâmica social, a loucura não é apenas construída pelas narrativas, é também usada como forma de controle na exclusão do indesejado.

A psiquiatria acabou se consolidando não apenas como uma ciência, mas como um processo pelo qual o sujeito é julgado e determinado mediante o comportamento apresentado. Seu laudo é realizado através de uma cena em que o saber diz sobre ele, o determina, e o sanatório representa assim como a prisão a consolidação de sua doença, sua sentença por não seguir a ordem, por exprimir pensamentos e expressar-se de forma diferenciada.

Na cidade do conto de Bernardo Élis não há a constituição do hospício, mas João quer mandá-lo para fora da cidade, quer livrar-se dos seus urros, quer vingar-se de um ato que na verdade é de sua inteira responsabilidade. O louco causa medo, causa estranheza, mas sua figura alimenta a cidade, a racionalidade daquele pequeno lugar, situado no sertão é consolidada pela sua irracionalidade, pelos urros, pelas correntes arrastadas nas ruas.

A tensão diante do ataque, da surpresa que poderia ser caso André ficasse solto é que movimenta a cidade. As conversas interessantes, as trocas de informação, sua própria existência social passam a depender da imagem do louco, isso porque a razão não existe sem a desrazão. Sanidade e loucura vivem uma relação próxima, até mesmo íntima, pois entre braços e abraços constroem aquilo que mantém ou leva o sujeito histórico a perceber-se inserido num dado contexto: a realidade.

João percebe o momento certo de enfatizar que a presença de André tumultuava e causava danos a todos na cidade. Naquele momento, no entanto, falava por si mesmo, os motivos pelos quais realçava as narrativas em torno do louco eram para se livrar de um peso



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

causado por um ato impensado. Responsabilizava o mesmo pelas agruras que vinha sofrendo e isso lhe causava extremo desconforto, diante da cidade não podia parecer o contrário, para isso torna André o grande alvo de suas palavras.

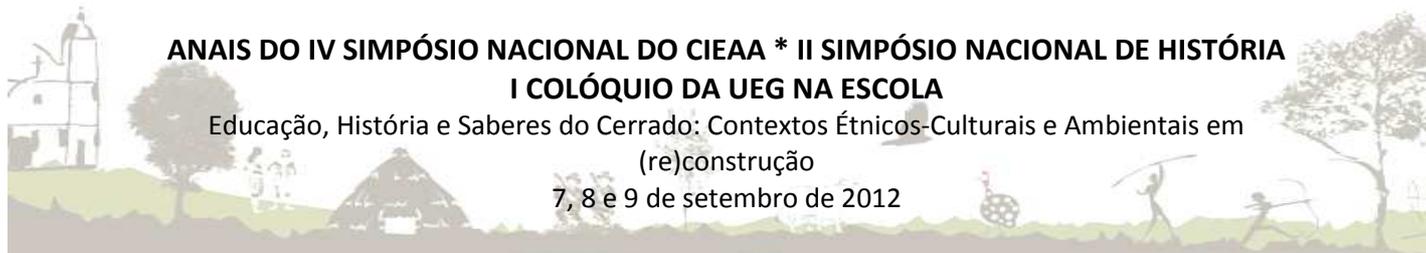
Bernardo Élis demonstra como as atitudes de um sujeito tido como anormal dividem as opiniões no meio social. Ao passo que pareciam ter pena e não se incomodavam com sua presença, era a razão das criações de mitos e histórias, atrelando a si todo o complexo social da pequena cidade.

No entanto, o autor não se limita a demonstrar as relações pessoais que geralmente ocorrem no sertão. A trajetória de André vai além do fato de ser conhecido na cidade pelo nome, de uma relação mais próxima do que em um local tido como moderno. Seu nome categorizado: André Louco, no título do conto traduz a dicotomia existente nas diferentes formas de se interpretar o sujeito no contexto da loucura.

Ao passo que nas pequenas comunidades, a tendência é que haja uma relação mais íntima com a loucura, ao contrário das grandes em que a necessidade é a categorização na perspectiva da modernidade. No conto se fala do sertão, porém, demonstra com maestria todo o processo a que o louco é levado quando em locais em que o saber médico se ocupa do mesmo.

Diante da responsabilidade de dar ao meio social uma visão moderna, Goiânia, por exemplo, logo que é projetada tem uma relação direta e íntima com a tentativa de dar ao estado de Goiás uma nova perspectiva fundamentada em um passado velho e atrasado. Ali as relações passam a se dar de forma menos íntima, desaparecem os nomes, pois a ciência médica toma conta de seus males, a partir daquele momento seus corpos, pensamentos e falas são estruturados pela psiquiatria.

O sanatório surge como o símbolo da legitimidade dos psiquiatras em relação ao tratamento dado aos tidos como anormais, neste sentido, André deixa de ser ele mesmo, deixa de ser aquele que povoava o imaginário do narrador do conto, que alimentava as histórias da negra Joana, para ser simplesmente louco. O mais interessante é compreender como Bernardo Élis possibilita as duas formas num único texto, dá um aspecto de intimidade no



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

conhecimento do louco [quando dá a ele um nome], mas termina o conto demonstrando como ocorre a exclusão, a inserção do sujeito em uma categoria.

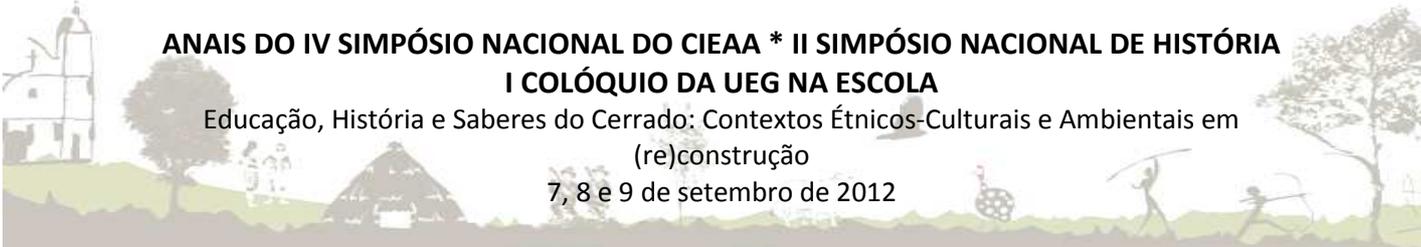
Vão se acabando os nossos “tipos de rua”. Não se veem hoje como outrora os “Funga-Funga”, os “Zé Mangarito”, os “Antonio Louco” e outros, no espalhafato que armavam em plena via pública, cada qual na sua especialidade, acoissados pela garotada, e que fazia muita gente vir à janela. Desapareceram. (Revista Oeste, Julho de 1942)

A Revista Oeste traz exatamente o período e refere-se precisamente à nova capital que perdia os até então chamados de tipos urbanos para a categorização que já se iniciava. O Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho é inaugurado apenas doze anos depois, porém, desde o batismo cultural da nova capital já se preocupava em um local que pudesse abrigar os antigos tipos de rua.

apesar do elevado porte do empreendimento da Santa Casa, a Conferência começa a atuar na campanha pela instalação do sanatório para alienados. Foi proposta a confecção de selos de \$100 e \$200, para serem vendidos formando um fundo para as obras” (DOLES, 1999, p. 308).

Era uma necessidade que se fazia presente, exatamente pelo fato de que em uma cidade construída para ser moderna, não cabiam os mesmos traços de personalidade que se percebia no sertão. Era necessário portar-se sob uma nova perspectiva onde as mudanças não eram apenas de local, mas também cultural. O louco é uma categoria, os discursos médicos são legitimados pelo sanatório, o símbolo que dá sentido ao conceito de normalidade.

Naquele momento, os muros do hospício representam uma parcela da população que não deve ser mais vista. A construção foi feita fora da cidade, era necessário realizar um distanciamento do *mundo real* do mundo enlouquecido dos hóspedes do Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho. É o local em que se concentram as narrativas do poder médico, do saber que através de todo um processo de avaliação define a subjetividade do outro como loucura. É a exclusão, é a dor, é a imersão do sujeito em si mesmo, trancado em um mundo limitado.



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

A nova capital erguia-se para sustentar um número maior de habitantes, dessa maneira, as relações sociais existentes são transformadas. Ou seja, determinados indivíduos não figuram mais no íntimo da sociedade, mas são relegados a um esquecimento a partir de uma categorização. Antes sua fala poderia ser desprezada, agora além dela, sua própria imagem é retirada e colocada por trás de altos muros que impede, a qualquer um, a sua visualização. Neste ínterim, são retirados da História os “anormais”, tornando-os parte de um vazio quase que eterno representado apenas por tijolos empilhados, uma fortaleza que protege *os de fora*. (PAULA, 2011, p. 48)

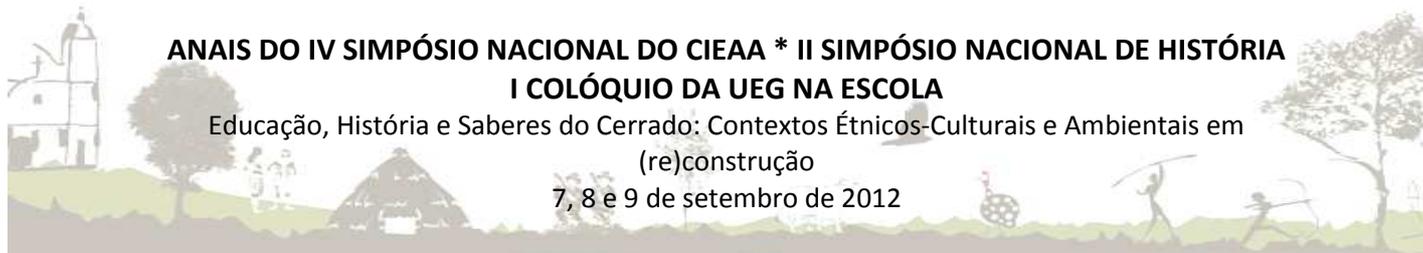
Percebemos, portanto, que Bernardo Élis discute a mesma temática em seu conto sob um ponto de vista do sertão. A proximidade com André, as relações sociais e de poder coronelístico, os mitos, as histórias contadas pela criadagem, são traços tidos apenas como característicos do local, mas de fato o transcendem.

Está nas grandes cidades, está nos grandes centros porque discute a presença do louco, a relação entre a sanidade e a loucura que tanto causa medo, incompreensão, fascínio em qualquer local. Seus personagens vagam por um mundo criado, construído, mas que pode ser identificado, relacionado com outros lugares, pois todo grupo social produz seus loucos.

Assim, João que tanto se esforça para retirar André da cidade está também em qualquer parte. A grande questão são as relações, a forma como elas se dão, pois se a figura do louco movimentada a pequena cidade, ela também dá forma ao comportamento social. É para além das páginas, o tema é profundo, encontrado nos dilemas de todas as cidades, de todos os grupos, personagens que são encontrados com facilidade no plano do real.

Da mesma forma que vemos o personagem João empenhado em retirar o louco da cidade há um contraponto, Sá Maria Lemes, a única capaz de realmente sentir pena de André. Postava-se próximo ao local onde o mesmo ficava preso e orava, o terço em mãos para que pudesse pedir por aquela alma incompreendida, maltratada pela população local. Enquanto toda a cidade seguia a trilha dada pelo personagem de João, ela o defendia sem ser entendida pelos conterrâneos.

Era julgada por todos por não reclamar de André na mesma medida que os demais:



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

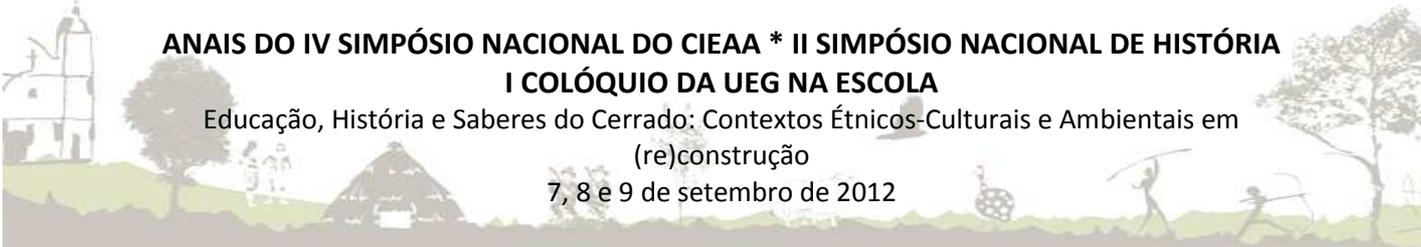
- Vocês hão de ver. Não dou um mês para o louco arrombar tudo de novo e sair para a rua. Vai haver até mortes. Ninguém suporta mais esse peste. Só mesmo Sá Maria Lemes, que é uma caduca. Sá Maria gosta de André porque é um motivo de penitência para ela, aquela louca também. (ÉLIS, 1978, p. 25)

Ao defender o louco Sá Maria era vista da mesma forma, não se entendia porque a cidade toda concordava com a saída e prisão de André, e ela não. Em torno do mesmo surgiu uma espécie de aura que determinava seu comportamento e também os acontecimentos da cidade. Tudo girava em torno dele, a população não conseguia perceber as diferentes opiniões que dizem respeito à sua defesa, querem que todos partam do mesmo princípio, o comportamento *normal*.

Desta forma, ter medo significava enquadrar-se nos padrões, ter receio da estranheza causada pelo comportamento representava estar inserido em uma lógica que de fato fazia sentido. Com o poder de fala e de determinar a identidade e o local de André naquele meio social, o grupo dominante não admitia que vozes e pensamentos contrários pudessem se originar sem que fossem ao menos julgados.

Quando Bernardo Élis nos introduz a personagem de Sá Maria, leva à reflexão de como julgamos nossos loucos, de que forma atribuímos valores a determinadas ações, enquanto outras acabam não recebendo o mesmo olhar castrador. Em outra passagem do conto, é dela a responsabilidade de inserir no contexto o questionamento do porque André é tão castigado, privado de sua liberdade enquanto outras pessoas também possuem comportamento torpe e nem por isso lhes é dado o mesmo tratamento:

- É seu João, ‘periquito come mio e papagaio leva a fama’, - sentenciou a velha. – Nem todo berreiro de noite é feito por André Louco. Coitado. O sinhô precisa de sabê que tem aí uma turma de rapazinhos que merecia muito bem o trato do Louco, viu?[...] Sá Maria passou a contar que o filho do Clemente e aqueles outros e outros viviam dando gritos de noite, imitando André Louco. Contou mais que eram as almas mais *xujas* da cidade. – Faça ideia: eles ficam, de noite, ali na porta da igreja, no escuro, dando beliscão na bunda das moças; nesse lugar e noutros muito mais delicados. (ÉLIS, 1978, p. 28)



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

Neste momento Sá Maria questiona como um determinado grupo social passa a julgar e definir aquilo que era considerado hediondo, que de fato poderia ou não passar por algo de extrema falta de bom senso, de moralidade. Por mais que houvesse clareza em suas palavras e que deixasse evidente que a prisão de André, aquela exposição pública de seu corpo amarrado no meio da cidade, fosse algo a ser pensado, João não se propunha naquele momento a avaliar a situação.

Sá Maria entende André, não como o Outro do qual pudesse ter medo, mas na essência de sujeito. Questiona o comportamento dos outros a partir do louco, e não o contrário. Compreende que a lógica de raciocínio do mesmo pode ser outra, mas nem por isso seu comportamento deve ser estigmatizado. É a personagem que antes de um final trágico deixa nas entrelinhas seu senso de justiça, e por não definir-se ou enquadrar André nos termos obscuros da loucura, acaba também sendo julgada por *caduca*.

Bernardo Élis leva assim, para um conto de cinquenta páginas as diferentes interpretações dadas ao louco. Ao mesmo tempo em que Sá Maria o compreende, há a perspectiva da cidade, que sente a necessidade de sua presença e da sua exclusão, quase que uma dependendo da outra.

Estando em voga apenas a diferença entre urros e conversas, André se torna a consolidação do comportamento normal. A cidade necessitava da sua presença para realizar sua exclusão, assim, o medo em torno de seu comportamento fazia com que ela se movimentasse, dava sentido à forma de agir dos cidadãos.

Neste ínterim, André acaba sendo retirado da cidade, seus irmãos são obrigados a levá-lo para um sítio, no entanto, sua presença ainda é sentida por todos já que acaba se tornando um espetáculo grotesco. Seu corpo foi retirado da cidade para ser exposto no sítio, fazendo aglomerar e peregrinar uma grande quantidade de pessoas para vê-lo ali, subjugado, amarrado, coberto de feridas, tomando sol e chuva.

O autor busca evidenciar uma situação deplorável em que se encontra a personagem, narra com riqueza de detalhes o sofrimento físico a que André foi submetido pelos irmãos e toda horda de pessoas que ali se dirigiam para vê-lo. A atração das pessoas pela miséria

humana é ali explorada, pois o espetáculo era formado apenas pelo sofrimento, pela doença que se abateu sobre aquele corpo antes temido, agora frágil e derrotado.

Existiram várias tentativas de se atribuir a André uma cura, mas esta não se realizava. Aparentemente era o sofrimento do corpo que poderia dar aquela alma uma espécie de salvação, as privações, a tortura de ficar sem comer, estirado no sol forte, era uma forma de auxiliar um espírito perturbado.

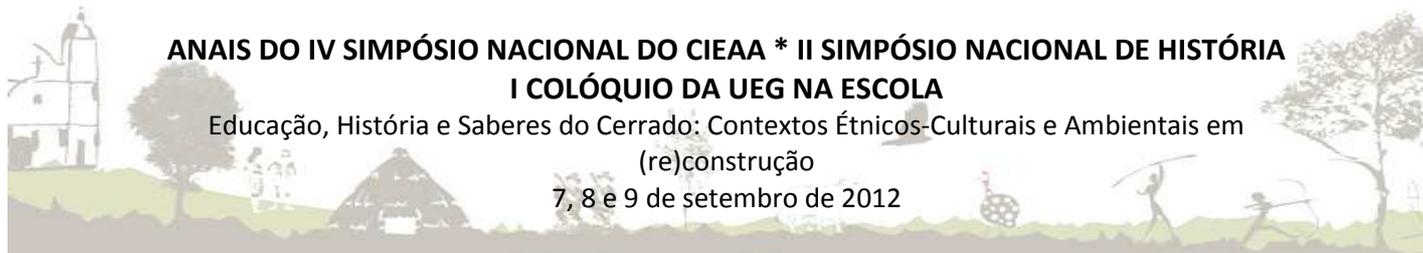
Aqui o autor faz uma ponte direta não apenas com o sofrimento vivido pelos internos de hospitais psiquiátricos ao longo dos anos, devido aos maus tratos, mas também uma alusão às perspectivas mais antigas da loucura. O tratamento através de verdadeiros martírios para que o louco pudesse de fato enxergar a realidade que o cercava.

Os nosocômios muitas vezes se tornaram verdadeiros espaços de tortura, os tratamentos da medicina na ânsia da cura causavam dor, sofrimento, deixavam marcas que poderiam durar para sempre como a lobotomia²³. No entanto, para a época os tratamentos eram considerados modernos, uma evolução no tratamento das doenças mentais. Desta forma, os suplícios vivenciados por André não estão distantes das formas de tratamentos que as diferentes sociedades organizavam em torno de suas zonas patológicas.

A complexa definição do que é ser louco e do que é feita a loucura, estava atrelada a uma teia de discursos que partiam do social e se misturavam com o científico que legitimava muitas vezes a exclusão daqueles que não eram se não, inadaptados sociais. Porém, o grande dilema que o personagem João traz para o conto é a ausência completa do louco, a perda de sentido para a existência do normal naquele rincão.

Quando André é retirado do convívio, no momento em que seu corpo de fato é excluído da cidade, recluso no sítio, amarrado, nada ficou naquela pequena urbe que

²³ Hoje tida como uma prática bárbara, a técnica, cujo nome mais apropriado é leucotomia, chegou a ser considerada uma cura milagrosa para doenças mentais como esquizofrenia e depressão. O procedimento envolvia a inserção de um instrumento cortante no cérebro por meio de duas perfurações no crânio, uma de cada lado da cabeça. O médico então movia o instrumento de um lado para o outro, cortando as conexões entre os lobos frontais e o resto do cérebro. Os "instrumentos cirúrgicos" usados pelo médico para o procedimento, duas estruturas afiadas de metal com 8cm de comprimento conectadas a um cabo de madeira, são hoje objetos de curiosidade à disposição de visitantes nos arquivos da Wellcome Collection - centro cultural londrino dedicado à história e desenvolvimento da medicina no mundo. (Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/11/111110_lobotomia_75_anos_mv.shtml)



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

representasse a sua existência, que desse conta da experiência da loucura. Assim, Bernardo Élis consegue levantar discussão acerca da necessidade de existência não apenas do louco, mas de algo que o represente, o local de legitimação do discurso da doença mental, o hospital psiquiátrico.

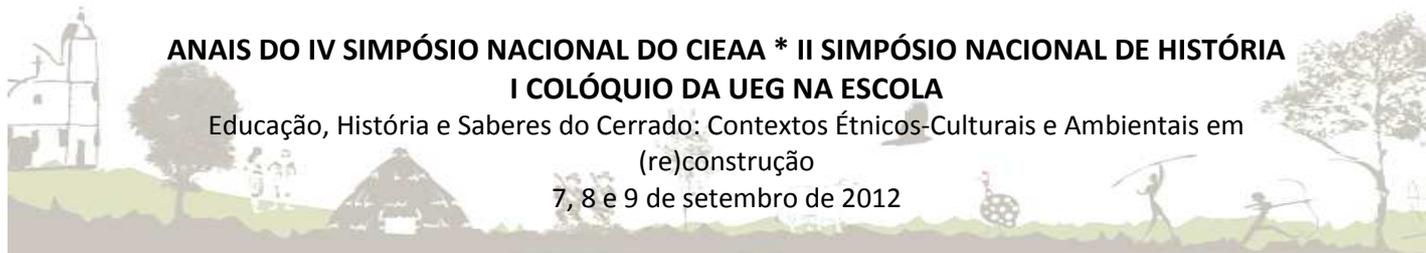
Os sanatórios foram locais de confinamento, onde os loucos eram levados e muitas vezes esquecidos, no entanto, a representação da loucura que dava vazão para a construção de um padrão de normalidade era constituinte exatamente por eles mesmos. Estes hospitais legitimavam as narrativas sobre a loucura, ao mesmo tempo em que privavam a parcela tida como normal da presença incômoda do louco, assim, normalidade e anormalidade se construía mutuamente a partir de diferentes espaços e jogos de poder.

Sendo assim, Bernardo Élis possibilita uma versão de uma sociedade sem manicômios no momento em que André é retirado da cidade para ser levado ao sítio:

Nessa tarde, o dentista botou seu gramofone para tocar, como nos outros domingos. A máquina ficou tristemente mastigando as músicas, enchendo a solidão da cidade. Um disco de Patápio Silva – “Serenata de Schubert”, o “Meu boi morreu”. Quando o gramofone cessava, ouviam-se os pássaros-pretos cantando, uma alegria de fim de mundo. E o resto do dia o gramofone alegrou funebremente a cidade, mais deserta, mais muda, onde pairava um vácuo enfadonho, com vozes longes de gente conversando, menino chorando. O pessoal veio para as calçadas escutar a música. De noite, a treva era o oco, sem os gritos de André, Joana, na cozinha, debruçada sobre o candeeiro, previa malefícios: - que André ainda fugia do sítio e de noite entrava na cidade, dando tiros, matando gente. Baterá na porta de meu pai e o estrangulá. (ÉLIS, 1978, p. 46)

André era necessário, havia uma ansiedade pela sua volta, pois a tristeza que se abatia sobre a cidade representava muito mais que a falta de agitação. Na transcendência do texto do autor, podemos perceber a crítica à tentativa de eliminação do louco, da sua representação, pois a existência do normal poderia estar comprometida a cair numa espécie de anomia.

É possível perceber como se mantém viva a sua presença enquanto o mesmo ainda se encontra vivo no sítio. O medo de sua fuga de certa forma dava segurança, sentido e



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

significado à definição do [Eu] normal e do espaço de atuação, das relações de poder existentes entre um lado e outro da fronteira.

Ali na fala de Joana estão o crime oriundo da loucura, causas do medo que poderiam dar a certeza de que há um espaço em que a racionalidade impera, e outro em que não há um pensamento tido como lógico, capaz de realizar qualquer outra coisa. Neste sentido, Bernardo Élis finaliza seu conto de uma forma espetacularmente profunda, quando diante da ausência do louco há a percepção de que era necessário criar sobre eles expectativas de fuga.

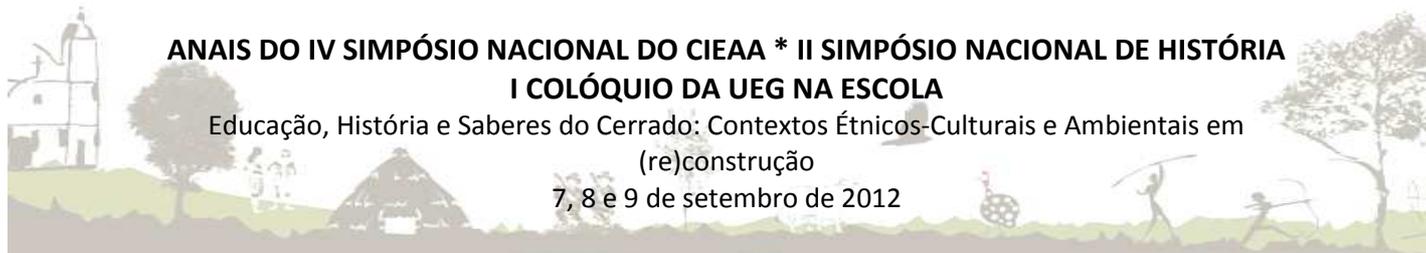
Porém, quando o autor insere a morte de André traduz exatamente como as narrativas se organizam de forma a atribuir sentido às suas práticas de consolidação de identidade. Onde há o sanatório, não se vê a necessidade da construção do louco como um ser íntimo, seu nome não é importante porque o saber médico representado pelos muros e paredes brancas dos hospitais psiquiátricos legitima e garante o funcionamento da fronteira entre sanidade e loucura.

No entanto, no sertão, onde as relações são mais estreitas, onde a personalidade é um traço social marcante, as narrativas se organizam de outra forma:

À claridade vermelha e vacilante da fornalha, sua sombra disforme projetava-se na parede enfumaçada e no teto enegrecido, mais impressionante, mais exótico, mais desproporcional. – As bichera tá tudo morta, - exclamou o baiano. E como elas, André, Santo André Louco, mártir, orai por ele. (ÉLIS, 1978, p. 49)

Naquele momento reconhece-se o sofrimento a que foi submetido, como se no instante da morte fizesse sentido todos os martírios e verdadeiras torturas pelos quais André havia passado. Acaba sendo santificado por todos que ali estavam que haviam acompanhado todo o seu sofrimento, que presenciaram suas torturas ao ir para o sítio, como se a instabilidade mental fosse de fato algo exterior, algo do plano fantástico, espiritual.

Torna-se um mártir daquela sociedade que não o compreendia que o construía como monstro ao mesmo tempo em que se fascinava pela sua existência. Santo, porque se louco, não tinha pecado, consciência das suas atitudes, ao mesmo tempo em que se acreditava poder estar possuído pelo *demônio*. Sinônimo de ambiguidade, André representou a possibilidade de



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnico-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

enxergar o próprio comportamento, representou que uma sociedade não consegue estruturar-se sem as narrativas sobre a loucura.

Sua saída da cidade não foi suficiente para que fosse esquecido, talvez isso o tenha tornado cada vez mais presente até o momento da sua morte. Sem a representação do sanatório, o próprio corpo social se encarrega de organizar uma maneira de que haja outro em que o comportamento possa ser baseado. Naquele sertão, ausente de médico e de hospitais, cabia às histórias construídas em torno de André manter acessa a chama da loucura para que a sanidade de fato fizesse sentido.

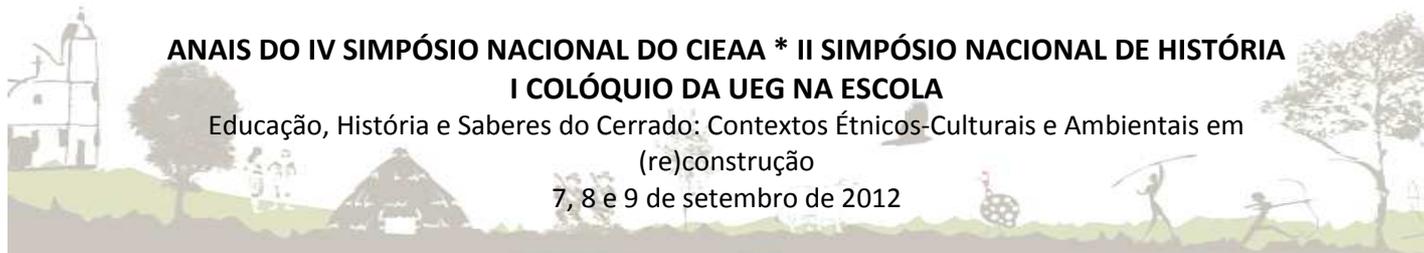
Enquanto esteve vivo no sítio possibilitou que se criasse a possibilidade de sua fuga, estava ali perto, havia um local onde a loucura estava confinada e quem quisesse vê-la era só se dirigir até lá. O espetáculo grotesco da exposição de André não era simplesmente para demonstrar o quanto somos sádicos, mas uma forma de sentir que a ideia de *racionalidade* naquele momento era a narrativa dominante.

Observar seu choro e seu martírio até a morte era uma forma de compreender qual era de fato o lugar de cada um, era uma maneira de ordenar e coordenar a realidade. Ter a certeza da normalidade e como se portava um louco, o sítio era a demonstração clara de que se precisavam cumprir os padrões sociais, e dava a cada personagem a garantia do distanciamento da loucura.

Assim construíram a diferença entre o louco e são, através das histórias, da possibilidade de fuga já que ainda vivo estava preso no sítio. Essa ansiedade e a exposição do mesmo mantinham equilibradas as relações entre o que era considerado normal e o que não era. No entanto, André falece diante dos maus tratos que recebe em forma de tratamento, agora o sítio não mais poderia representar o local da loucura, pois a exposição do louco não mais aconteceria.

Diante da falta de algo que representasse a loucura, nas narrativas no sertão conseguem organizar uma forma de trazer ali a presença daquilo que está ausente:

Joana parou a costura, paralisou o movimento da agulha, que puxava a linha no ponto de espinho. Ficou patética, os olhos esbugalhados, olhando para dentro de si mesma, escutando o silêncio. Uns tiros reboaram muito longe,



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

quase imperceptivelmente. Eram estampidos de carabina. – André Louco evém vindo, - murmurou sinistramente. (ÉLIS, 1978, p. 49)

André por fim se torna um mito, partindo do real e das histórias contadas a seu respeito, após a sua morte, a cidade o torna um mito, algo sobrenatural a rondar o sertão, mas a manter viva a fronteira entre loucos e normais. Essas narrativas garantem a legitimação das padronizações de comportamento e consolidação das zonas patológicas, assim como em qualquer espaço onde haja um sanatório.

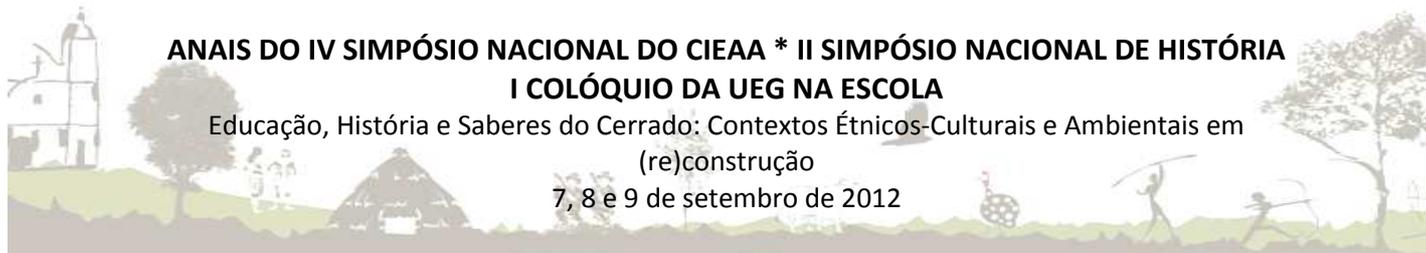
Bernardo Élis constrói uma trajetória da loucura, relata a percepção de um comportamento não adaptado, as primeiras formas de exclusão, as histórias relacionadas a crimes, a prisão, a exposição e a morte. André o tempo todo tem uma função importante, é dominado, é subalternizado, mas a sociedade não sobrevive sem ele, o sentido de sua racionalidade só é dado mediante a presença dele.

Sua ausência leva à construção de histórias, de mitos, que fazem manter a perspectiva de que existe a fronteira constante entre a loucura e a sanidade. É assim que o autor na verdade demonstra não apenas a diferente forma que tem o sertão de constituir-se, mas de que o louco é encontrado em qualquer sociedade e necessário para a definição dos comportamentos a serem aceitos por todos.

Enquanto demonstração de poder André é massacrado pelo personagem de João, no entanto o mesmo que o retira da cidade é levado a perceber que sua existência, sua capacidade racional de lidar com o mundo é fruto da fricção entre os dois mundos: o seu e o de André. Construção narrativa ou não João está atrelado a André exatamente pelo que os separa, é a loucura que fará de cada um construtor de sua realidade ao passo que é a partir da mesma que essas diferentes realidades se chocam num constante construir-se.

Bibliografia.

AMADO, Janaína. *Construindo Mitos: A Conquista do Oeste no Brasil e nos EUA*. Ed. UFG 1995.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

CANGUILHEM, Georges. *O Normal e o Patológico*: Ed. Forense 6ª Ed. 1995 Rio de Janeiro – RJ.

COSTA, Jurandir F. *História da psiquiatria no Brasil* Rio de Janeiro Ed. Campus – 1981.

ÉLIS, Bernardo. *André Louco* Ed. Livraria José Olympio S.A. 1978

ENGEL, Magali Gouveia *Delírios da razão: médicos, loucos e hospícios* Col. Loucura e Civilização. Rio de Janeiro Ed. FioCruz .

FÓRUM DE MONTES CLAROS DE GOIÁS Processo Criminal nº 038/93

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura* São Paulo Ed. Perspectiva 19726ª ed.

_____ *Os Anormais* Ed. Martins Fontes, 1ª ed. 2001, São Paulo – SP

_____ *O Poder Psiquiátrico* Ed. Martins Fontes, 1ª ed. 2006, São Paulo – SP

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso *Imagens e Mudança Cultural em Goiânia* 1999. Dissertação de Mestrado, Goiânia: Departamento de História, Universidade Federal de Goiás.

PAULA, Éder Mendes *Os Sons do Silêncio: O Louco e a Loucura em Goiás* 2011. Dissertação de Mestrado, Goiânia: Departamento de História, Universidade Federal de Goiás.

PERLBART, Peter Pál *Manicômio Mental – A outra face da clausura* In: Saúde Loucura nº 02 São Paulo: Ed. HUCITEC, 1990.

SANTOS, Nádia Maria Weber. *Narrativas da loucura & Histórias de sensibilidades*. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

Jornais e Revistas

ARQUIVO PÚBLICO DE GOIÁS, Goiânia. *Revista Oeste* Julho de 1942.

_____ *O Democrata* Abril de 1926.

_____ *Jornal O Popular*, 04/04/1954